

Mazloun mal na fita

BERNARDINO FURTADO

ENVIADO ESPECIAL

São Paulo — O Conselho Especial do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, sediado em São Paulo, que se reúne hoje para receber ou rejeitar a denúncia contra os juízes Casem Mazloun, Ali Mazloun e João Carlos da Rocha Matos, com base nas investigações da Operação Anaconda, terá também farto material que mostra a intimidade de Casem, titular da 1ª Vara Federal Criminal, com o megadoleiro Antonio Oliveira Claramunt, o Toninho Barcelona. Indiciado na CPI do Narcotráfico, processado por lavagem de dinheiro no caso Bañestado e, mais recentemente, por operar um verdadeiro banco clandestino que movimentou centenas de milhões em contas bancárias no exterior, Toninho cultivava uma amizade com Casem Mazloun que durou pelo menos até março de 2003, segundo escutas telefônicas realizadas com autorização judicial.

Casem Mazloun é o juiz que absolveu o empresário Luiz Estevão e condenou o juiz Nicolau dos Santos Neto do processo sobre o desvio de R\$ 169 milhões da obras do Tribunal Regional do

Trabalho, de São Paulo.

A interceptação telefônica, feita a pedido do Ministério Público Federal de novembro de 2002 a março de 2003, mostra que Casem Mazloun manteve encontros com Toninho na sede da Barcelona Tur, no Centro de São Paulo. Escondido atrás da fachada legal de agente de viagens, Toninho negociava pagamentos no exterior para clientes, em troca de dinheiro vivo ou cheque no Brasil. Para isso, contava com empresas *off-shore* no Uruguai, como a Vilacor, e empresas financeiras especializadas em lavagem de dinheiro como a Beacon Hill Service Co. (BHSC), fechada pela Justiça americana em meados do ano passado. Operava também com contas de doleiros, como a Lespan. No Brasil, tinha empresas fantasmas destinadas pagar e receber em reais.

Em um diálogo gravado com o também doleiro Ali Chahime, sócio em outras empresas, Toninho diz que tem de cobrar comissão para trocar euros em es-

pécie por dólares. Fica claro na conversa que Toninho remete a moeda européia em espécie, recebida de clientes, por meio de *mulas* que viajam para o Uruguai. "Tenho que cobrar, velho... Eu pago para levar meus euros embora, porque eu mando tudo para a Lespan", diz Toninho. Ele explica que, quanto maior o volume de cédulas, maior a comissão. "Se for notas grandes, de

500 e 200 (euros), custa 1,5%. Se forem notas abaixo de 200, custam 2%", afirma.

Casem Mazloun, que compareceu ao casamento de Toninho Barcelona, em fevereiro do ano passado, era muito cuidadoso nas conversas por telefone com o doleiro. Os procuradores que trabalharam na investigação sobre as atividades da Barcelona Tur, perceberam que,

além de Casem Mazloun, o juiz federal João Carlos da Rocha Matos, e pelo menos seis delegados da Polícia Federal em São Paulo. Toninho recompensava os "amigos" com passagens aéreas, pagamento de contas pessoais e dinheiro. O episódio mais explícito detectado nas escutas telefônicas envolve o delegado da PF Antonio Manuel Costa, que mora no mesmo pré-

quando não podiam se encontrar, os dois amigos usavam linha telefônicas que consideravam seguras para conversar, evitando as linhas fixas da agência de turismo, que foram efetivamente grampeadas com autorização judicial. Uma linha telefônica de Toninho, provavelmente de um celular, recebeu o código de "neguinho". Casem liga para a Barcelona Tur e pede para Toninho acordar o neguinho. A conversa acaba aí.

O Ministério Público Federal está convencido de que Toninho montou um rede de proteção para suas atividades que incluía,

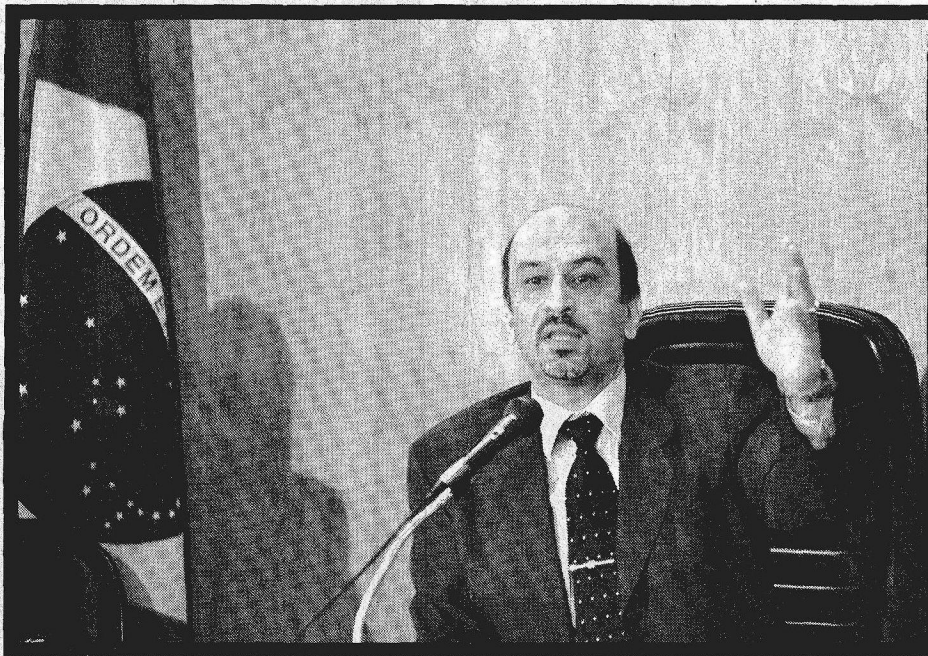
dio de Casem Mazloun.

Costa também tratava Toninho com intimidade e chegou a prestar depoimento a favor do doleiro num processo que tramita em Cascavel (PR) por lavagem de dinheiro por meio das chamadas contas CC-5 (de residentes no exterior). No depoimento, Costa atesta a legalidade dos negócios da Barcelona Tur e o chama o doleiro de honesto e trabalhador.

Em uma das interceptações telefônicas, Costa pede dez mil a Toninho. Não há referência a moeda, mas Costa insiste para que Toninho mande entregar o dinheiro a ele até as 4h da tarde. Toninho atende prontamente ao pedido e depois entabula com o delegado uma conversa sobre a sucessão na Superintendência da Polícia Federal de São Paulo.

A mulher de Toninho, Patrícia, em conversa com o tio e funcionário do doleiro, José Diogo, avalia que as autoridades federais que freqüentam a Barcelona Tur acabam afetando os nervos de Antonio Oliveira Claramunt. Ela se refere à presença de Casem Mazloun e do delegado Marcus Vinicius Deneno, chefe da Polícia Federal em São José dos Campos. "Esse pessoal toma muito tempo e não resolve nada", reclama Patrícia.

Marcos Fernandes 11/12/00



CASEM MAZLOUM: ENVOLVIMENTO SUSPEITO COM MEGADOLEIRO ACUSADO DE LAVAGEM DE DINHEIRO